



João Ventura

Tudo isto existe...



Título: Tudo Isto Existe...

Autor: João Ventura

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: José Saraiva

Publicado originalmente em: E-nigma Light (2002)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-2/2005

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

1. Fado menor

As velas tremeluzindo sobre as mesas projectam sombras oscilantes nas paredes e arrancam reflexos aos jarros de vinho e aos copos. Há conversas sussurradas, mas mesmo esse ruído de fundo se reduz a quase nada com a entrada da fadista, seguida dos acompanhantes. Um silêncio quase religioso enche a sala, agarra-se às pessoas, às paredes que ostentam fotografias autografadas de gente conhecida.

Márcia, a fadista, é a grande atracção da noite lisboeta. Há quem lhe atribua uma origem aristocrata, outros dizem que cresceu nas ruas de um dos bairros populares da capital. Recusando-se a dar entrevistas, nunca a sua fotografia apareceu nas páginas das revistas sociais e a sua vida privada permanece um mistério.

Os músicos, magros, de boné, lenço ao pescoço, casaco com a gola levantada, bota engraxada, acomodam-se nas cadeiras, guitarra e viola em posição, olham para a fadista esperando um sinal. Esta, de vestido preto até aos pés, ajeita o xaile em torno dos ombros nus, olha para o guitarrista e as primeiras notas rompem o silêncio, a guitarra à frente, desenhando a melodia em rápidos arabescos, a viola atrás, marcando o ritmo. Surge então a voz, primeiro como um murmúrio, que vai ganhando força, e há uma espécie de arrepio que percorre os assistentes, e é como se a voz descrevesse uma descida aos infernos, o rosto da fadista tem a cor do marfim, os olhos semicerrados, a boca entreaberta; e quando o fado termina, a assistência sente que o universo em que estava mergulhada lhe foi subitamente retirado e surgem as palmas, de forma contida, como é da tradição.

Mais dois fados, e em cada um se repete a mesma magia, o mesmo transe colectivo, a mesma sala suspensa de uma voz única.

Antes de se retirar, a fadista faz uma pequena vénia e o gerente da casa de fados avança com um anúncio:

— Senhoras e senhores, gostaria de lembrar que a nossa querida Márcia vai actuar amanhã, às nove e meia da noite, no grande espectáculo de reabertura do Coliseu dos Recreios. Uma salva de palmas para ela!

Mais aplausos, e aos poucos regressa o ruído de fundo das conversas a meia voz à volta das mesas.

2. Variações

No interior do Coliseu decorrem os últimos preparativos para a grande noite. Acompanhado do dono da empresa concessionária, o Presidente da Câmara faz uma visita à sala mais emblemática da capital. Passam dois operários transportando uma escada, os técnicos de som fazem experiências, sente-se a agitação característica das horas que antecedem os grandes acontecimentos.

— ...mas a grande inovação é o novo sistema de luzes, senhor Presidente. O Coliseu vai ser a primeira sala europeia com este sistema. Ainda só foi montado em três salas americanas. Espere aí, vou chamar o nosso homem da iluminação para explicar o que é este sistema. Oh engenheiro!

Respondendo ao chamamento do empresário, dirige-se para eles um homem de óculos, cabelo curto, um microfone sem fio com auricular preso à cabeça, calças de caqui com os bolsos laterais atafalhados, uma *tee-shirt* amarela onde se lê em grandes letras vermelhas "*Light my bulb!*". Enquanto se aproxima, vai falando para o microfone:

— *OK, guys! Let's have a five-minute break!*

Passa a mão direita pela *tee-shirt* antes de a estender ao Presidente da Câmara.

— Explique aqui ao Sr. Presidente o que é que este sistema tem de especial.

O engenheiro sorri, os olhos brilham como os de um pai a quem perguntaram pelo filho recém-nascido.

— Bem, como sabem a luz solar não é monocromática, isto é, não tem só uma cor, ou, o que é o mesmo, não tem só um comprimento de onda. Na realidade, é caracterizada por um espectro, que inclui a gama do visível, do vermelho ao violeta, o infravermelho, invisível, ao lado do vermelho, e o ultravioleta, também invisível, para lá do violeta.

— Isso do ultravioleta não é o que causa o cancro da pele? — pergunta o Presidente da Câmara, mostrando um ar interessado.

— É isso mesmo! E a quantidade de luz de cada tipo, digamos assim, não é a mesma, mas depende da fonte emissora e da temperatura a que esta se encontra. É à distribuição da luz pelos diversos comprimentos de onda que chamamos um espectro.

O Presidente da Câmara e o empresário acenam com a cabeça como se percebessem.

— O que aquela beleza lá em cima consegue fazer — e aponta para a cúpula translúcida que cobre a sala — é reproduzir qualquer espectro de emissão que seja metido no computador que a controla. Isto é, conseguimos reproduzir qualquer tipo de luz, desde que tenhamos o espectro original. E conseguimos reproduzir esse espectro original, completo, com um erro menor que meio por cento. Querem ver?

E, sem esperar pela resposta, dispara para o microfone:

— *Calling control. Gimme a full moon!*

A sala mergulha na obscuridade e, instantes depois, uma fantástica lua cheia brilha na cúpula, banhando todo o espaço com um luar frio e branco, tão forte que parece dia.

— *OK, now give me a sunset!*

Sem transição, a luz passa a um misto de laranja e vermelho, proveniente de um sol moribundo, próximo do limite inferior da cúpula. O engenheiro observa os outros dois, e verifica que estão impressionados. Entusiasmado, comenta:

— E esta luz solar é igualzinha à do verdadeiro sol, desde o infravermelho ao ultravioleta!

Espera alguns segundos, para os deixar apreciar bem o pôr-do-sol, e fala para o microfone:

— *Fine, back to normal.*

E a iluminação é agora a que se esperaria numa sala de espectáculos, os projectores enchendo o recinto com uma luz crua.

— Muito bonito, sim senhor — diz o Presidente da Câmara, e em voz mais baixa para o empresário — quando é que o Porto conseguirá ter uma coisa destas? — e riem-se os dois, de forma cúmplice.

3. Fado maior

O luar enche o Coliseu, e a voz de Márcia, ao mesmo tempo áspera e macia, é como um fluido que se derrama na sala, deixando cinco mil pessoas fascinadas, completamente rendidas à beleza do seu canto.

O espectáculo aproxima-se da apoteose. Márcia acaba de cantar o último fado, já extra-programa, e agradece os aplausos.

A luz do luar é gradualmente substituída por uma luminosidade mais quente, e o público apercebe-se que é o nascer do Sol. Primeiro a luz é fraca, mas torna-se mais forte à medida que a imagem do Sol sobe a partir da base da cúpula. Exclamações de admiração surgem da assistência.

Manuel Guimarães, médico, está sentado na primeira fila da plateia. É um apreciador de fado e comprou bilhete para este espectáculo há mais de um mês. Tem os olhos presos em Márcia, que agradece os aplausos do público, os braços cruzados sobre o peito, cada mão sobre o ombro oposto, tronco e cabeça inclinados para a frente. Olhando a fadista, sem saber bem porquê, vem-lhe à lembrança Álvaro de Campos: *Vem, noite antiquíssima e idêntica...*

No momento em que a luz do sol substitui o luar, parece ao Dr. Guimarães que o corpo da fadista é percorrido por um súbito estremecimento, antes de ela levantar subitamente o tronco, olhar na direcção da luz, levar as mãos à cabeça e soltar um grito, arrepiante, como um animal ferido. O corpo oscila, dá dois passos trôpegos e cai no chão.

O médico trabalha no INEM; habituado a actuar em emergências, levanta-se rapidamente, corre para a direita até atingir a escada que leva ao palco, sobe os degraus a dois e dois e corre para o centro do palco. Enquanto se aproxima, um dos músicos acompanhantes tira o lenço que traz enrolado ao pescoço e cobre com ele o

rosto de Márcia, em seguida despe o casaco e tapa-lhe os ombros e os braços. Parece ao médico, num breve relance, que a pele da fadista ficou cor de cinza. O seu olhar treinado permite-lhe também observar no pescoço do músico que está debruçado sobre Márcia uma curiosa cicatriz, parecendo dois sinais de perfuração separados por 3 ou 4 centímetros, e nessa altura o outro músico interpõe-se, empurra-o para trás, *Eu sou médico!*, diz Manuel Guimarães, e o outro replica *OK, doutor, está tudo sob controlo*, e o médico vê dois homens que saem dos bastidores, com uma maca, e que rapidamente retiram Márcia do palco.

É nesta altura que a sua atenção é despertada por gritos vindos da sala. Olhando para a assistência, do ponto de observação privilegiado que é o palco, Guimarães vê alguns pontos na plateia de onde as pessoas se afastam gritando, em pânico, como se fossem repelidas. No centro de cada um desses focos de repulsão está sempre um corpo, e o médico questiona-se, enquanto corre o caminho de volta à plateia, o que levará as pessoas a fugir em vez de se aproximarem para ajudar.

Salta sobre as cadeiras da primeira fila para chegar ao corpo mais próximo, que está na segunda fila. Junto do corpo, percebe subitamente a razão do comportamento das pessoas e ele próprio pára, horrorizado. A carne é cinza, não apenas cor de cinza, mas realmente cinza, o cheiro é quase impossível de suportar, em volta da boca a cinza começa a desprender-se, o médico vê os dentes, e o seu olhar é atraído pelos caninos de grandes dimensões, a sua mente a tentar enquadrar todos os factos e racionalizar a situação, a aperceber em fundo o caos existente na sala, os seguranças a procurar organizar a evacuação do público, e por cima um sol quente, abrasador, como se fosse um meio-dia de Agosto...